

Para alemão ler: Alencar e Taunay por Arno Philipp

*André Luis Mitidieri**
*Miquela Piaia***

RESUMO

Neste trabalho, analisamos as atividades do cidadão teutobrasileiro Arno Philipp como tradutor ao alemão de romances de José de Alencar e Visconde de Taunay, baseando-nos nas fontes e nos rastros procedentes do Acervo Literário Arno Philipp (ALAPH), por nós organizado após tomarmos ciência de uma infinidade de documentos, sobretudo acerca do tradutor e da correspondência por ele mantida com os familiares de Alencar e Taunay, depositados no Museu e Arquivo Histórico de Panambi. Daí resultantes, os dados ora apresentados permitem tecer uma série de considerações acerca da presença da literatura brasileira nessa cidade sul-rio-grandense, à época em que era denominada Colônia Neu-Württemberg. Por meio das referidas traduções e de outras ações, Philipp mediava a brasilidade e o germanismo, possibilitando produzir, a partir do material disposto no acervo que leva seu nome, uma micro-história literária que, centrada em contatos interculturais, se apoia nos ensinamentos do historiador italiano Carlo Ginzburg.

PALAVRAS-CHAVE: Acervo Literário Arno Philipp; José de Alencar; Literatura brasileira traduzida para o alemão; Visconde de Taunay.

ABSTRACT

In this paper we study the actions of the German-Brazilian citizen Arno Philipp as a translator to the German language of a number of José de Alencar and Visconde de Taunay novels. The sources and the trails that led us to this accomplishment proceed from the Arno Philipp Literary Collection (ALAPH), that we organized after we became aware of an infinity of documents, specially about the translator and the letters he changed with Alencar and Taunay relatives, filed at the Panambi Historical Museum and Archive. The results here presented allow weaving a series of considerations about the presence of the Brazilian literature in this southern Brazil city, at that time known as Neu-Württemberg colony. Through the translations he made and other actions, Philipp mediated the Brazilianness and the Germanism, enabling to produce, from the material arranged in the archive, a literary micro-history that, focused on intercultural contacts, relies on the teachings of the Italian historian Carlo Ginzburg.

KEYWORDS: Arno Philipp Literary Collection; Brazilian literature translated to the German language; José de Alencar; Viscount of Taunay.

* Doutor em Letras pela PUCRS. Professor adjunto no Curso de Letras e docente efetivo de Literatura e História no PPPGL – Mestrado em Linguagens e Representações – da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, Ilhéus, Bahia, Brasil, almpereira@uesc.br

**Mestra em Letras pelo PPGL - Mestrado em Literatura Comparada - da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI-FW. Docente efetiva no Instituto Federal Farroupilha - IFF-RS, Santo Augusto, Rio Grande do Sul, Brasil, miquela@sa.iffarroupilha.edu.br

1 Indícios e introduções

Situada no Noroeste do Rio Grande do Sul, Panambi revela-se como uma cidade cujos moradores se esforçam para não deixar que hábitos recorrentes em seu cotidiano caiam no esquecimento dos mais jovens. Além dos costumes, há uma série de valores culturais e heranças históricas gravadas em acontecimentos marcantes para as gerações passadas. Hoje, tal memória se multiplica pelas conversas e rodas de amigos, geralmente nas antigas colônias que, contra os apelos tecnológicos, teimam em sobreviver. No entanto, alguns eventos, por sua complexidade ou pela época em que ocorreram, são de difícil registro. Aí se inclui uma série de fatos relatados por meio de correspondências, anotações, publicações e afins que Arno Philipp elaborou e reuniu, deixando como legado à então colônia Neu-Württemberg.¹

Para estudar, entender e produzir tal história, perseguimos a noção de “rastros” num conjunto de trabalhos elaborados por Carlo Ginzburg, retroagindo desde *O fio e os rastros* (GINZBURG, 2007) à formulação estabelecida nos anos de 1930 pelo historiador francês Marc Bloch (2002). Ao pesquisar para escrever *Os andarilhos do bem: feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*, publicado na Itália em 1966, o historiador de Turim ainda encontra indícios de vozes diferentes em confissões espontâneas, nos rubores, silêncios, gestos cuja decifração exige que aprendamos “a captar por trás da superfície lisa do texto um sutil jogo de ameaças e medos, de ataques e retiradas. Devemos aprender a desembaraçar os fios multicores que constituíam o emaranhado desses diálogos” (GINZBURG, 2007, p. 287).

Dicas fragmentárias oferecem preciosos elementos, possibilitando reconhecer que as verdades pregadas pelos inquisidores contaminam a documentação inquisitorial. Dessa maneira, qualquer documento pode ser inserido numa série e, se devidamente analisado, conduzir a séries documentais de grandes dimensões, como os processos inquisitoriais

¹A cidade de Panambi origina-se da Colônia Neu-Württemberg, fruto da empresa de colonização homônima – de propriedade do antropólogo e geólogo alemão, natural de Leipzig, Hermann Meyer – que adquiriu as primeiras terras onde hoje se localiza o município, no ano de 1898. Os primeiros colonos de origem alemã haviam passado por outras terras, o que facilitou sua adaptação e, assim, juntaram-se mais facilmente aos de origem portuguesa que, há quase dois séculos, habitavam a região. Depois da Primeira Guerra Mundial, chegou à colônia grande contingente de imigrantes europeus, diretamente da Alemanha. Após constantes trocas de nomes, e impulsionada por vocação industrial pouco comum na região, Panambi emancipa-se de Cruz Alta em 1954.

que originam *O queijo e os vermes*: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição (GINZBURG, 1987). Publicado na Itália em 1976, esse livro narra a trajetória de Domenico Scandella, o Menocchio, perseguido pela Inquisição na aldeia italiana de Montereale. Sua reduzida escala de observação permite dar voz aos acusadores e, principalmente, ao acusado:

Os obstáculos postos à pesquisa eram elementos constitutivos da documentação, logo deviam tornar-se parte do relato; assim como as hesitações e os silêncios do protagonista diante das perguntas dos seus perseguidores – ou das minhas. Desse modo, as hipóteses, as dúvidas, as incertezas tornavam-se parte da narração; a busca da verdade tornava-se parte da narração; a busca da verdade tornava-se parte da exposição da verdade obtida (e necessariamente incompleta). O resultado ainda podia ser definido como ‘história narrativa’? Para um leitor que tivesse um mínimo de familiaridade com os romances do século XX a resposta era óbvia (GINZBURG, 1987, p. 265).

Como antevisto, o “rastros” percorre longa trajetória, não se limitando às considerações de Paul Ricoeur (1997) em *Tempo e narrativa*, obra lançada na França em 1985. Como se tornou lugar comum atribuir a paternidade desse conceito a Ricoeur, faz-se necessário historicizá-lo e definir seu campo conceitual. E embora reconheçamos que Jacques Derrida considera a noção em *Gramatologia* (1967) e *A escritura e a diferença* (1979), editadas originalmente no ano de 1967, não caberia dispor o estudioso francês junto a Carlo Ginzburg, pelo menos, num artigo de pouca extensão, além disso, fundamentado em toda uma documentação reunida e analisada, dada a complexidade dos debates que envolvem suas divergências teórico-ideológicas.

Além do mais, se Jorge Luis Borges (1999), em “Kafka e seus precursores”, afirma que cada autor elege aquele de quem ser tributário, o historiador italiano desde já parece escolher seu precursor em Marc Bloch, apontando o caminho de leitura que ora será trilhado. Ao mesmo tempo em que Bloch considera o tempo e seus vestígios, Walter Benjamin por igual se volta aos pequenos indícios do passado. É assim que, perseguindo os traços deixados por Ginzburg em seus estudos historiográficos, visamos a um rastreamento do próprio conceito de “rastros” no conjunto de sua obra.

Posto isso, delimitamos as etapas do presente trabalho a partir da organização em acervo dos documentos pertencentes ao Sr. Arno Philipp, já tentando entender a história que eles possam contar. Para o desenvolvimento prático-analítico, privilegiamos o *Manual de organização do Acervo Literário de Erico Verissimo*, de autoria da professora Maria da Glória Bordini (1995). Embasados nessa publicação, assim como em aportes

fornecidos pela pesquisa histórica, é que nos dedicamos a organizar o material legado pelo Sr. Philipp, começando por classificá-lo e dispô-lo em suportes adequados. Devidamente catalogados, conforme o *Catálogo do Acervo Literário Arno Philipp (ALAPH)* (PIAIA; MITIDIERI, 2011), os 228 itens do acervo estão disponíveis a demais pesquisadores. Alguns deles, que compõem a classe 02 do ALAPH, Correspondências, fornecem dados sobre a presença da literatura brasileira na colônia Neu-Württemberg, abrangendo cartas trocadas entre Arno Phiipp e o Visconde de Taunay e seus familiares, bem como entre aquele, o filho e o neto de José de Alencar.

As principais conclusões a que chegamos guiam-se pelas hipóteses que orientam a produção historiográfica de Carlo Ginzburg ao longo de 30 anos, as quais se firmam segundo propostas de não eliminar fronteiras entre narrações históricas e ficcionais, procurando entender como é que cada metodologia, ao servir-se da outra, aponta a realidade por distintas formas. Por isso, buscamos fragmentos textuais introdutórios aos estudos desenvolvidos por Ginzburg nos quais o conceito de rastro ganha tratamento destacado. Começamos pela obra *O fio e os rastros*, na qual o historiador de Turim lembra que, conforme a mitologia grega, Ariadne teria dado um fio de presente a Teseu, com o qual esse pôde localizar-se no labirinto a fim de matar o Minotauro. Por muito tempo a vagar por zona silenciosa, é a relação entre os rastros “e o fio – fio do relato, que ajuda a nos orientarmos no labirinto da realidade” (GINZBURG, 2007, p. 7).

Nas páginas introdutórias a *Nenhuma ilha é uma ilha*, Ginzburg (2004) diz que um mesmo procedimento ou princípio construtivo tem guiado seus trabalhos e o modo de apresentá-los: “Na origem, há sempre um achado proveniente das margens de investigações inteiramente diversas” (p. 11). Já na introdução a *Relações de força*, o pesquisador italiano critica narrativas historiográficas que examinam o produto final, deixando de lado pesquisas filológicas, estatísticas, arquivísticas etc., as quais o fazem possível. Mencionando Lucien Febvre, ainda ressalta: “as fontes históricas não falam sozinhas, mas só se interrogadas de maneira apropriada” (GINZBURG, 2002, p. 114).

No prefácio a *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*, o historiador amplia o círculo dos objetos a serem investigados:

Uma reflexão iniciada pelos gregos permitiu descobrir o que une, embora em sua diversidade, imagem, nome e mito: o fato de estarem situados além do verdadeiro e do falso. É uma característica que a nossa cultura estendeu à arte em geral. Mas as ficções artísticas, assim com as ficções jurídicas, falam da realidade (GINZBURG, 2001, p. 13).

Na segunda aba de *História noturna: decifrando o sabá* (GINZBURG, 1991), Lilia Moritz Schwarcz assim se expressa: “Relatos dispersos, testemunhos fragmentados, distantes no tempo e no espaço, registram a profundidade do tema deste livro, em que evento e estrutura, história e morfologia se misturam”. Na Introdução, Carlo Ginzburg (1991) declara que, em grande maioria, os testemunhos aí reunidos “são fragmentários e, sobretudo, indiretos – muitas vezes, de terceira ou de quarta mão. De modo geral, escapam-nos os significados que os atores atribuíam tanto aos mitos que reviviam em êxtase quanto aos ritos de que participavam” (GINZBURG, 1991, p. 36).

No prefácio ao livro *Mitos, emblemas, sinais*, o historiador italiano afirma que a “hermenêutica e o gosto pelo detalhe revelador orientaram profundamente meu trabalho posterior” (GINZBURG, 2007, p. 8). Trata-se de “reconduzir ao conhecimento histórico não mais fenômenos aparentemente atemporais, mas fenômenos aparentemente negligenciáveis” (p. 10). Para tanto, mostra-se “indispensável recorrer a instrumentos de observação e escalas de investigação diferentes dos usuais” (p. 10). Análises de tipo microscópico e pormenores observados de perto então se somam com “as referências implícitas a textos literários e as reações do público” (p. 12).

A primeira das abas de *Indagações sobre Piero* trilha o mesmo caminho:

Este é um livro voltado para aqueles que amam a pintura e, em particular, a pintura de Piero della Francesca. É escrito por um historiador (não historiador da arte) que procura decifrar os comitentes e a iconografia de algumas das mais famosas obras de Piero. Indícios aparentemente pequenos – duas mãos que se apertam, a ponta de um cabelo, um perfil meio apagado – desembaraçam conjecturas, explorações de arquivos, golpes de cena narrativos (GINZBURG, 1989).

No prefácio à edição inglesa de *O queijo e os vermes*, reproduzido em sua tradução brasileira, Ginzburg informa que esse livro surge ao acaso quando reúne dados para compor *Os andarilhos do bem: cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. Ao pesquisar num dos volumes de julgamentos inquisitoriais da Cúria Episcopal de Udine, encontra longa sentença:

Uma das acusações feitas a um réu era a de que ele sustentava que o mundo tinha sua origem na putrefação. Essa frase atraiu minha curiosidade no mesmo instante, mas eu estava à procura de outras coisas: bruxas, curandeiros, *benandanti*. Anotei o número do processo. Nos anos que se seguiram, essa anotação ressaltava periodicamente de meus papéis e se fazia presente em minha memória. Em 1970, resolvi

tentar entender o que aquela declaração poderia ter significado para a pessoa que a formulara. Durante todo esse tempo toda a única coisa que sabia a seu respeito era o nome: Domenico Scandella, dito Menocchio (GINZBURG, 1987, p. 11-12).

O moleiro perseguido pela Inquisição também figura na introdução a *Nenhuma ilha é uma ilha* para ensinar como a maneira pela qual os indivíduos reelaboram suas leituras pode ser inesperada e surpreendente: “Ler a realidade às avessas, partindo de sua opacidade, para não permanecer prisioneiro dos esquemas da inteligência: essa ideia, cara a Proust, parece-me exprimir um ideal de pesquisa que inspirou também estas páginas” (GINZBURG, 2004, p. 14). Já no prefácio ao livro *Os andarilhos do bem*, o pesquisador de Turim ressalta que, ao compor sua investigação histórica, baseada em rastros documentais, as vozes dos camponeses lhe chegavam diretamente, “não confiadas – como muitas vezes ocorre – a testemunhos fragmentários e indiretos, filtrados por uma mentalidade diversa e inevitavelmente deformante” (GINZBURG, 1988, p. 7).

É por tudo isso que, a partir da instauração do Acervo Literário Armin Philipp e do estudo de seus itens, procuramos compor uma micro-história literária centrada na trajetória de publicação das traduções à língua alemã, realizadas por Arno Philipp, de romances da literatura brasileira, especificamente, do Visconde de Taunay e José de Alencar. Neste caso, o trabalho com acervos literários dá acesso a uma gama de informações, permitindo renovar nossos olhares ao fato literário, à história, à história literária, à leitura, à produção, à recepção de autores e obras, enfim, à literatura enquanto sistema e vida, nunca desvinculada dos processos culturais.

2 As fontes e os rastros

Ao tomarmos conhecimento das traduções de José de Alencar e do Visconde de Taunay para o alemão por intermédio de fontes primárias depositadas no Museu e Arquivo Histórico de Panambi, e ao reunirmos esse material para compor o Acervo Literário Arno Philipp (ALAPH), demos falta de um exemplar traduzido d’*As minas de prata*, de Alencar, que antes lá se encontrava. Uma vez organizada a coleção e catalogados os itens disponíveis, pudemos compor a classe 15 da coleção, denominada Obra, apenas com um poema de autoria do Sr. Philipp e três exemplares de suas traduções à língua alemã do romance *Inocência*, escrito por Alfredo D’Escragnolle Taunay.

O processo de seleção, comum à pesquisa histórica, leva-nos a excluir do processo de consulta, análise e futura narração, aqueles itens que, em tese, não tragam dados relevantes ao propósito estabelecido: comprovar o trabalho tradutório e indagar sobre sua finalidade. Por outro lado, fotografias do Visconde de Taunay e de Mário de Alencar, registradas na classe 06 do ALAPH, Audiovisual, vão aumentando o corpo dos indícios de efetivos contatos travados pelo tradutor com os escritores brasileiros e/ou com seus familiares, a se confirmarem por meio de obras dos Alencar (José e Mário) assim como do Taunay pai, catalogadas na classe 13, Biblioteca; algumas delas contêm dedicatórias desses intelectuais, exceto do criador de *Iracema*.

Dedicando-nos a ler pelo avesso a realidade brasileira de princípios século XX e final do século XIX, retiramos diversos subsídios da classe 03 do ALAPH, Publicações na Imprensa, que apontam as ligações de Arno Philipp com a Colônia Neu-Württemberg e informam suas atividades de tradução: *Inocência*, do Visconde de Taunay; *Cinco minutos*, *As minas de prata*, *O tronco do ipê* e *A viuvinha*, de José de Alencar. Nos itens da classe 02, Correspondência, notamos a satisfação das famílias dos escritores por terem os livros deles traduzidos e comprovamos o trabalho do tradutor, bem como sua vontade de compartilhar o mundo da literatura brasileira com o cenário alemão.

O mesmo acaso que leva Carlo Ginzburg a encontrar material para a pesquisa que resultou em seu livro *O queijo e os vermes* (1987) conduziu-nos antes à documentação de Arno Philipp, doada ao Museu e Arquivo Histórico de Panambi pelo filho desse, Hans Oscar Philipp. No decorrer das investigações, não o acaso, mas a busca predeterminada e os rastros do passado permitem-nos conhecer Armin Philipp, um “Menocchio panambiense”, que gentilmente colabora com esta pesquisa. Por meio del, temos acesso a Hugo Philipp, em cujo acervo particular, encontramos a materialidade que não nos deixa fazer história sem provas: um exemplar da tradução d’*As minas de prata*, editada por Rotermond & Cia., de São Leopoldo.

Por sua vez, três exemplares da obra literária *Inocência*, de Taunay, traduzida por Arno Philipp e publicada em livro, podem ser consultados no ALAPH. De outros romances que teriam exigido o trabalho desse tradutor – *Cinco minutos* e *O tronco do ipê*, provavelmente editados em folhetim –, o mesmo acervo somente comporta vestígios e testemunhos que, ao se reiterarem, indicam, mas não confirmam suas prováveis existências. O caso do romance *A viuvinha* é mais complicado, pois o único indício de sua tradução (ALAPH 03c001-55) não se repete, de modo que a informação aí trazida,

até prova em contrário, mostra-se pouco confiável, embora constitua um rastro a considerar em outras investigações.

Segundo Armin Philipp, os trabalhos do tradutor destinavam-se a então colônia Neu-Württemberg, quase totalmente colonizada por imigrantes alemães, os quais não falavam português nem liam nesse idioma. Numa época em que os moradores da localidade não contavam com recursos para apreciar textos acerca da cultura brasileira, Arno Philipp aí tratava de disseminar a literatura nacional. As traduções dos romances de Alencar e Taunay, entre o final do século XX e as primeiras décadas do século XXI, ocorriam numa época em que a história da literatura se afirmava no Brasil

[...] como uma narrativa que não se ocupava apenas, nem necessariamente, de obras literárias singulares, mas que era balizada pela ocorrência de um conjunto de obras, autores e escolas literárias, considerando-os de uma dupla perspectiva. Por um lado, buscava-se expor um contexto de produção (e recepção) para as obras ou escolas, que de alguma forma as determinava; por outro, construía ou modificava um cânone e, conseqüentemente, celebrava e erigia um padrão de gosto (FRANCHETTI, 2002, p. 253).

As correspondências do ALAPH dão forma a uma história literária, às vezes narrada em *flash-back*, que se articula à crítica cultural quando se volta sobre elementos extraliterários, dirigindo o *zoom* aos contatos entre Arno Philipp, os escritores e seus familiares – assim como a uma micro-história literária no momento em que a tradução d’*As minas de prata* vem a ser enquadrada em *close-up*. Essas histórias indicam que, no Brasil de 1920/30, um mecanismo de canonização ainda não era substituído por outro, pois quando o modernismo brasileiro ainda engatinhava, Affonso Taunay e Mário de Alencar impulsionavam Arno Philipp a disseminar os textos de seus pais, fosse traduzindo-os, fosse publicando-os. Os romances de José de Alencar e do Visconde de Taunay cumpriam o propósito das grandes sínteses classificadas como história da literatura, consistindo em “documentos vivos das sobrevivências da ideologia nacionalista romântica, que propunha o literário como domínio privilegiado para manifestação, reconhecimento e defesa do ‘nacional’” (FRANCHETTI, 2002, p. 263).

Nas histórias da literatura brasileira escritas desde as duas últimas décadas do século XIX até os anos 30 do século XX, desde Silvio Romero e José Veríssimo, até Artur Mota e Ronald de Carvalho, a questão da nacionalidade literária era disposta, no interior da atmosfera “do Romantismo, em termos essencialmente políticos. Os nossos historiadores literários encararam a autonomia literária conforme essa orientação, tendo

Silvio Romero estabelecido a capacidade de expressão nacional como critério valorativo de excelência literária” (COUTINHO, 2004, p. 28).

Circulando em folhetim ou livro, os romances traduzidos por Arno Philipp compõem um elenco que não destoa do cânone proposto nas histórias da literatura brasileira guiadas pelo padrão Silvio Romero. Baseado na fonte romântica e germânica, tal modelo identificava a literatura, e a narrativa que a interpretasse,

[...] com o gênio nacional e interpretava sua evolução em consonância com a marcha do sentimento nacional, concepção aliás que domina a maioria senão todos os nossos historiadores da literatura; e do pensamento filosófico positivista e naturalista, do evolucionismo darwiniano e spenceriano, que formaram o clima naturalista do final do século XIX (COUTINHO, 2004, p. 21).

O fato de apenas as traduções ao alemão das obras literárias *Inocência*, do Visconde de Taunay, e *As minas de prata*, de José de Alencar, serem editadas em livro, pode auxiliar a compreender sua recepção na colônia germânica. Nesse caso, estranhamos que a primeira não se acompanhasse de *Iracema*, personificação do “país, aquele mesmo Brasil que, conforme os românticos e seus líderes políticos (daquele tempo e depois), se queria viril e independente” (ZILBERMAN, 1994, p. 11). A comparação entre os romances intitulados pelas protagonistas femininas mostra que, como Alencar, o Visconde de Taunay

[...] interpreta um fato histórico: a metamorfose do sertão bruto em civilização por efeito de uma intervenção externa. Todavia, o escritor não apresenta a questão de modo tão linear, cabendo lembrar um dado importante: *Inocência*, encarnação da natureza, é uma das vítimas dos preconceitos e valores arcaicos que impedem a felicidade do casal e provocam a sua morte (p. 101).

As indagações apropriadas dos rastros encontrados nesta pesquisa, os quais se situam às margens da história oficial, indicam-nos que difundir a literatura brasileira entre os imigrantes era o principal motivo das traduções feitas por Philipp, as quais pouco se distanciavam de suas ações como deputado, mediando assim a brasilidade e o germanismo. Da mesma forma, o tradutor atuou como fotógrafo da vida sociocultural de uma época em que não se dispunha, como hoje, de meios tão eficazes para documentar a história ou conservar indícios da memória cultural. Possibilitando conhecer algumas de suas intervenções e retornar aos arquivos históricos que desencadeiam a presente investigação, o Sr. Hugo Philipp coleciona recortes de jornais e documentos sobre a vida política do primo.

Sua coleção particular abriga *O episódio do Ferrabraz*: os Mucker, contendo artigo escrito pelo deputado (PHILIPP, 1957). Ainda, a *Enciclopédia Rio-Grandense* (FAUSEN, 1956), trazendo nota sobre *As três bagatelas* (obra literária do próprio Arno Philipp, escrita em alemão – *Drei Bagatellen* – publicada em Dresden) e as traduções dos romances de Alencar, além de um comentário sobre as poesias do tradutor; por fim, o *Serra Post Kalender 1970*, que divulga *Der Käferkönig* (PHILIPP, 1970). Também peça do mesmo arquivo, um retrato mostra Arno Philipp a escrever sobre uma mesa de escritório; a seu canto esquerdo, a imagem do jornal *Deutsche Zeitung*:

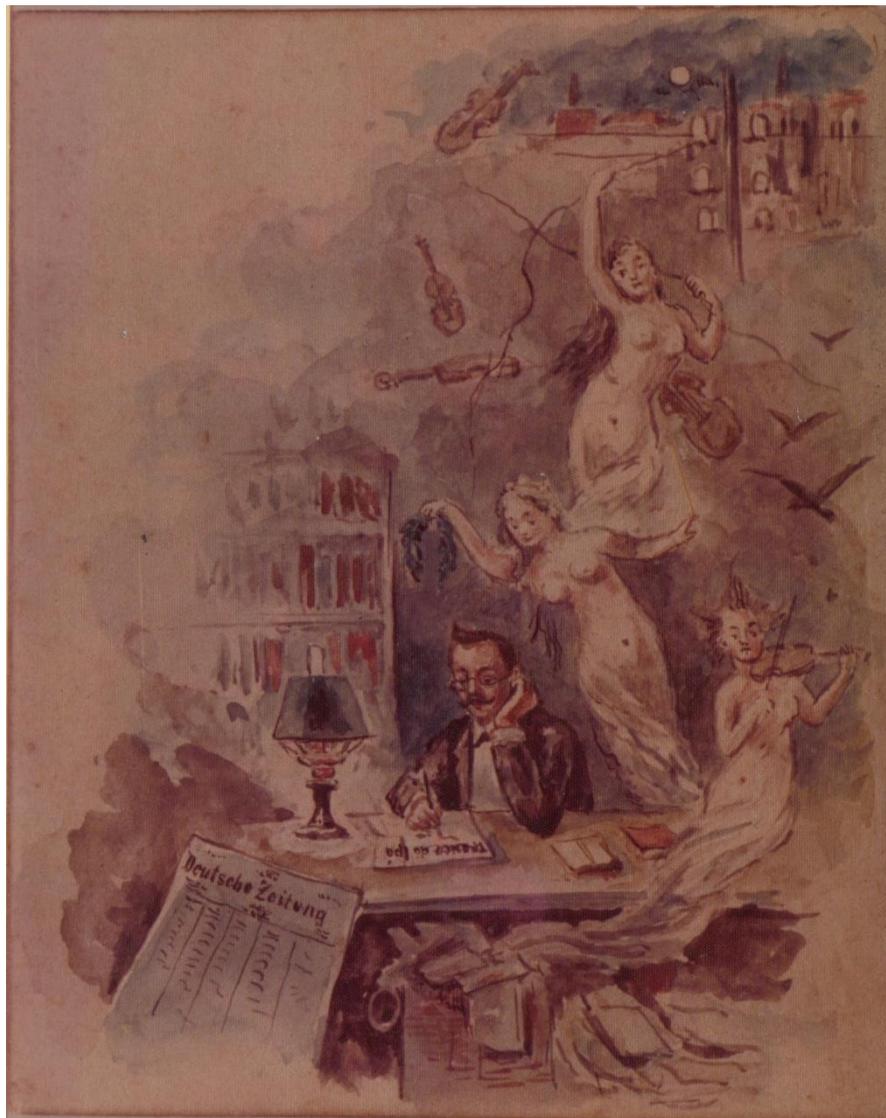


Fig. 1. Retrato de Arno Philipp, pintado a óleo. Coleção particular do Sr. Hugo Philipp.

O material de Hugo Philipp comporta sete edições dos *Anais da Assembleia dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul* cujas páginas registram a lista dos

deputados eleitos desde 1907 a 1913, aí figurando o nome de Arno Philipp. Entre os projetos de lei por ele apresentados, destaca-se a proposta de conceder prêmio em dinheiro a proprietários rurais que plantassem ou replantassem florestas. A preservação da natureza, abordada em *Inocência*, ajuda a compreender os motivos que levaram à tradução desse romance à língua alemã e sua eleição para circular em livro:

[...] independentemente de a ótica ser progressista ou conservadora, uma conclusão se impõe no contexto do pensamento brasileiro da segunda metade do século XIX: não há como harmonizar as duas soluções. A modernização não convive com a preservação, de maneira que, num caso e outro, *Inocência* teria de mudar: libertar-se, transferir-se do local ou desaparecer. Esta circunstância é significativa, pois o romance partira da associação entre a figura feminina e a natureza e, ao final, constata a impossibilidade de manter essa identificação. O fim trágico da protagonista é sinal de que o ciclo modernizador começou a se impor e a dissociação deixou de ser mera hipótese: ela já aconteceu, sendo irreversível o processo deflagrado. Além disso, Taunay tende sutilmente para a modernização, ainda que ao custo da transformação da natureza, apazível aos olhos de quem a contempla, mas de consequências desagradáveis para quem experimenta os efeitos de seu primitivismo (ZILBERMAN, 1994, p. 103).

Buscando outros motivos que justifiquem a escolha de *Inocência* e *As minas de prata* como traduções que sobrevivessem ao folhetim, é também a partir de Armin Philipp que chegamos a uma coleção desconhecida, e aparentemente negligenciável, mas que auxilia sobremaneira à espécie de decifração hermenêutica ora empreendida: o Acervo Benno Mentz. Aí, localizam-se 20 caixas repletas de documentos organizados pelo deputado teutobrasileiro, os quais mantêm a numeração original. Numa carta (ALAPH 02c001-68) remetida ao Instituto BennoMentz de Porto Alegre em 1969, Hans Oscar Philipp relata fatos acerca da documentação sobre seu pai, Arno Philipp, e do material por ele catalogado. O emissário comenta que todo o “coleccionador”, como denomina o acervo, esteve depositado nas dependências da empresa Frederico Mentz e Cia. Ltda., de onde precisou ser retirado quando da grande enchente que assolou Porto Alegre no ano de 1941.²

Durante a Segunda Guerra Mundial, Hans Oscar Philipp visitou confidencialmente, na companhia de BennoMentz, um novo lugar destinado em caráter provisório a salvar o acervo da fúria das águas. Ainda que, com extravios, o material pôde ser conduzido ao Instituto BennoMentz, para o qual o correspondente parece oferecer

² Na carta, o ano mencionando erroneamente é 1942.

documentação extra. Os documentos em seu poder se prestariam a eventuais reportagens sobre o centenário do nascimento de Arno Philipp, já próximo naquele momento, vindo a constituir matéria interessante para os jornais ligados àquela instituição. O homenageado responsabilizou-se por estabelecer uma forma até então inédita de contato entre a comunidade germânica no Brasil e os bens simbólicos brasileiros, contribuindo, assim, para ambientar os imigrantes em outra realidade: “Tornou-se ele um dos melhores realizadores do intercâmbio cultural divulgando a noção da cultura alemã no Brasil e traduzindo obras brasileiras para o leitor alemão” (FAUSEN, 1956, p. 233).

Ao privilegiar documentos referentes à biografia de Arno Philipp como inusitados instrumentos de observação, e ao reduzir a escala de investigação ao começo do século XX, notamos não serem poucas as dificuldades enfrentadas pelos colonos nesses tempos. Diante dos revezes, em Neu-Württemberg, o responsável pela empresa colonizadora, Hermann Meyer, decidiu valer-se da colaboração de Hermann Faulhaber. Natural de Württemberg, o jovem teólogo alemão e sua esposa, Maria Reinhardt Faulhaber, aí chegaram em 1903. Ele assumiu os papéis de administrador, agente de correios, agrimensor, pastor, professor, em atuação social que, de uma ou de outra forma, serviu para alavancar o desenvolvimento local. Antes da Primeira Guerra, a colônia possuía mais de dois mil habitantes e tinha seus lotes todos vendidos.

A análise microscópica da documentação revela que a primeira ação de Faulhaber para dinamizar a vida social da comunidade consistiu em fundar, ainda no ano de sua chegada, a Sociedade de Canto. Várias outras associações e agremiações foram criadas por seu intermédio ou influência: sociedades de atiradores, bolão, cavalaria, damas, futebol e grupos teatrais, que amenizavam as dificuldades do árduo trabalho no campo e aproximavam os colonos, aumentando a camaradagem entre eles. Destacam-se duas instituições entre aquelas criadas pelo imigrante e sua mulher: o Colégio Evangélico Panambi e a Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber.

Fundado como escola alemã, o primeiro tinha como objetivo oportunizar a seus estudantes o contato com a cultura germânica, por intermédio de atividades que visavam à manutenção da germanidade. Ocorriam noites de leitura na residência do então diretor, o pastor Hermann Faulhaber. Organizados por sua esposa, os eventos dedicados aos clássicos da literatura alemã contemplavam encenações, realizadas pelos alunos. Já a Sociedade de Leitura preocupava-se com a formação cultural dos colonos. Seus primeiros volumes, cerca de 400 livros, foram doados pelo Dr. Meyer. Em 1906, quando já contava quase 2.300 volumes, cada família lia, em média, três a quatro livros e revistas

mensalmente, segundo dados do jornal *O Panambiense* (1963). Esses dados confirmam que as fontes nem são “janelas escancaradas, como acreditam os positivistas, nem muros que obstruem a visão, como pensam os cépticos: no máximo poderíamos compará-las a espelhos deformantes. A análise da distorção específica de qualquer fonte implica já um elemento construtivo” (GINZBURG, 2002, p. 44).

Por meio dos indícios depositados neste trabalho, dos detalhes observados de muito perto, inferimos que Arno Philipp manteve contatos com a Colônia Neu-Württemberg. É provável que a tivesse conhecido pessoalmente durante expedições nas quais acompanhava Júlio de Castilhos pelo interior do Rio Grande do Sul. Ao mesmo tempo em que periódicos escritos em língua alemã eram oferecidos aos colonos, o deputado produziu muitos textos para o jornal *Deutsche Zeitung*. Esse público seria capaz de satisfazer-se com *Inocência* devido a seu molde em *Iracema*, de Alencar, uma vez que as duas obras literárias referidas terminariam

[..] por colocar o programa de onde saíram contra a parede. Indicam serem contraditórias suas premissas: fundava-se sobre o vencido, exaltava o passado, já superado. E, levado às últimas consequências, opunha-se à modernização, ao valorizar elementos primitivos, intocados, selvagens e virgens. Procedia desse modo para afirmar a identidade nacional, sua individualidade, diferença e pujança, em comparação com, de um lado, a ex-Metrópole, de outro, as nações vizinhas. Todavia, somente a modernização facultaria a desejada equiparação e, perante os demais países da América, a superioridade. Portanto, o programa romântico deveria ser substituído por outro, preferentemente na direção da mentalidade científica de um Meyer, como aponta Taunay. Criador de um típico romance rural, esse ficcionista acaba por indicar a necessidade de ultrapassar a estética em que se abebera (ZILBERMAN, 1994, p. 104).

Uma das razões para a tradução e a circulação d’*As minas de prata* em língua alemã pode ser encontrada no prefácio de José de Alencar a *Sonhos d’ouro*. Nesse texto datado de 1872, o escritor dividiu sua obra em três fases: 1) a primitiva; 2) a histórica; 3) a da vida nacional em processo, que mostraria também o conflito do elemento nacional com o estrangeiro. A segunda fase, na qual cabe a mencionada obra literária, “representaria o consórcio do povo invasor com a terra americana e termina com a independência” (COUTINHO, 2002, p. 256). Tal romance explora um elemento bastante conhecido entre os imigrantes: “o mito do tesouro escondido, que arrastou para o sertão brasileiro a onda de aventureiros e bandeirantes a que se deve o seu povoamento (p. 260). Ao tratar a paisagem como opulenta e pitoresca, Alencar “estabelece as pontes para o sertanismo, que será a forma de que se revestirá, em seguida e com mais longa duração,

em que a literatura brasileira expressar os seus anseios de autonomia” (SODRÉ, 2003, p. 328).

Por um lado, o romance *As minas de prata* faria uma dupla com *Inocência*; por outro, ao ser produzido depois de *Os sertões* de Euclides da Cunha, teria como motivo integrar um conjunto, uma tendência literária na qual os escritores passariam a transferir “ao sertanejo, ao homem do interior, àquele que trabalha na terra, o dom de exprimir o Brasil” (SODRÉ, 2003, p. 369). Devemos ainda considerar, como outro motivo d’*As minas de prata* ter sido traduzida ao alemão, o potencial de recepção do texto, sobre o qual declara Erico Verissimo (1995), em conferência realizada nos Estados Unidos durante o ano de 1944: “é uma das histórias de aventuras mais fascinantes que já li, bem como uma descrição deliciosa da vida brasileira dos tempos coloniais” (p. 56).

Entre os motivos, em geral, da realização das traduções das obras literárias do Visconde de Taunay e de José de Alencar para o alemão, não podem ser deixados de lados fatores que ligam o fenômeno literário à cultura e à sociedade, como o fato de Affonso Taunay e Mário de Alencar pertencerem à Academia Brasileira de Letras, atuando num sistema literário consolidado, a partir do qual incentivaram o trabalho de Arno Philipp em prol das obras de seus respectivos pais. Além disso, contam fatores extraliterários, como as ligações desses três intelectuais com o Partido Republicano, e os posicionamentos do Visconde de Taunay, como legislador, favoráveis à criação de colônias alemãs no Brasil (Cf. TAUNAY, 1889).

Desse modo, é possível contar uma história que, lendo a realidade pelo avesso, procura se desviar da macroescala (os tempos, o século, o período, o estilo etc.), dos grandes panoramas das histórias da literatura. Esta pesquisa assim se volta a uma escala menor, que gradativamente se reduz, do nexos central na biografia de Arno Philipp e nos romances enfocados, para suas traduções ao alemão, publicações na imprensa e correspondências, basicamente. Tais elementos diversas vezes são tidos como irrelevantes à historiografia, inclusive, à história literária, mas aqui ensinam que é “preciso aprender a ler os testemunhos às avessas, contra as intenções de quem os produziu. Só dessa maneira será possível levar em conta tanto as relações de força quando aquilo que é irredutível a elas” (GINZBURG, 2002, p. 43).

A micro-história ora proposta se torna mais visível no acompanhamento da trajetória de tradução d’*As minas de prata*, desde os documentos acervados até as pistas fragmentárias e ao diálogo crítico com outras áreas do conhecimento. Dessa forma, fontes, rastros, método, prática e análise fazem o texto se pluralizar, inscrever diversas

vozes em seu tecido, a exemplo da metáfora do vaso quebrado que, associada ao símbolo grego, remete ao “exercício do poder que permite à pessoa que detém um determinado segredo quebrar um objeto qualquer em duas metades, guardar uma das partes e confiar a outra a alguém que deverá guardá-la para atestar a sua autenticidade” (SOUZA, 2007, p. 100). No mito e na literatura, Édipo recompõe também “o fio do destino através da reunião das metades partidas de sua história pessoal” (SOUZA, 2007, p. 100), mostrando que o passado não pode ser recomposto em sua totalidade. O fio deste relato então se vincula explicitamente aos rastros que, uma vez indicados, operam como cacos recompostos aos poucos após trabalho exaustivo, como este e outros similares, realizados em acervos e arquivos literários.

ANEXOS

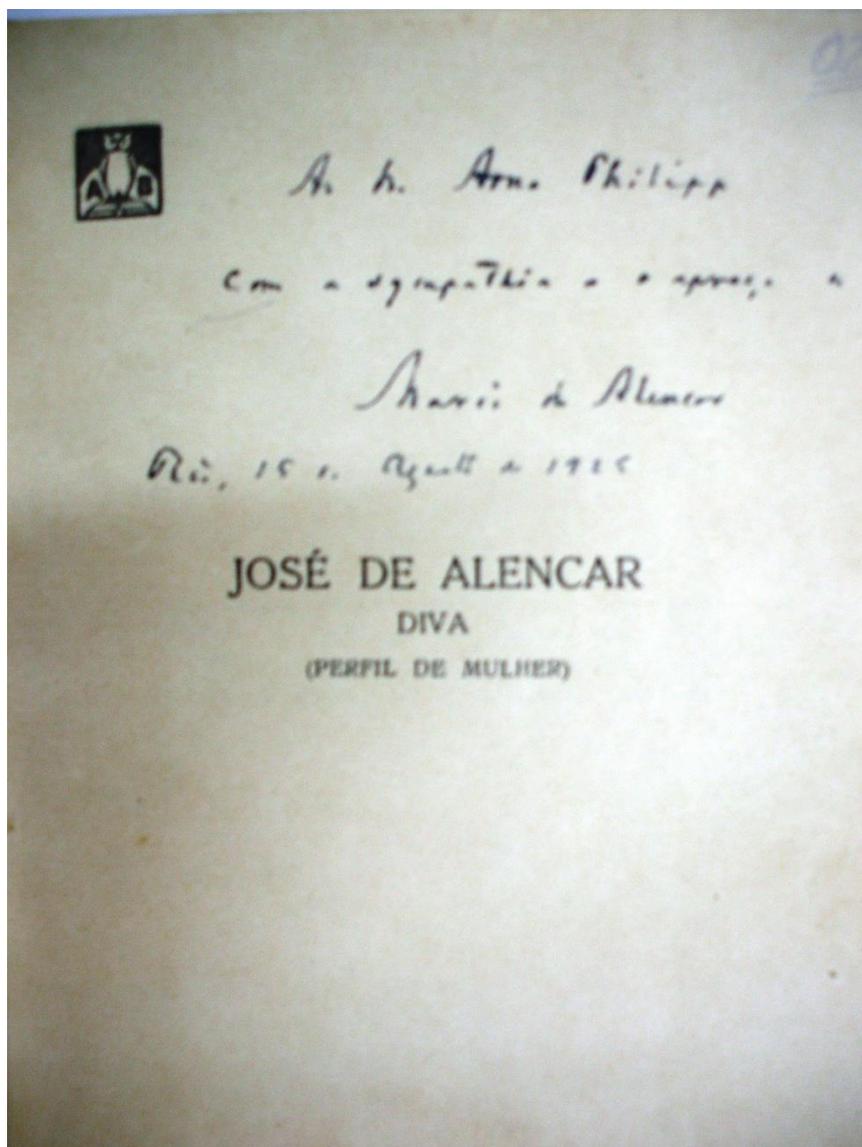


Fig. 2. Paratexto de um exemplar do romance *Diva*, dedicado a Arno Philipp por Mário de Alencar, filho do romancista José de Alencar.

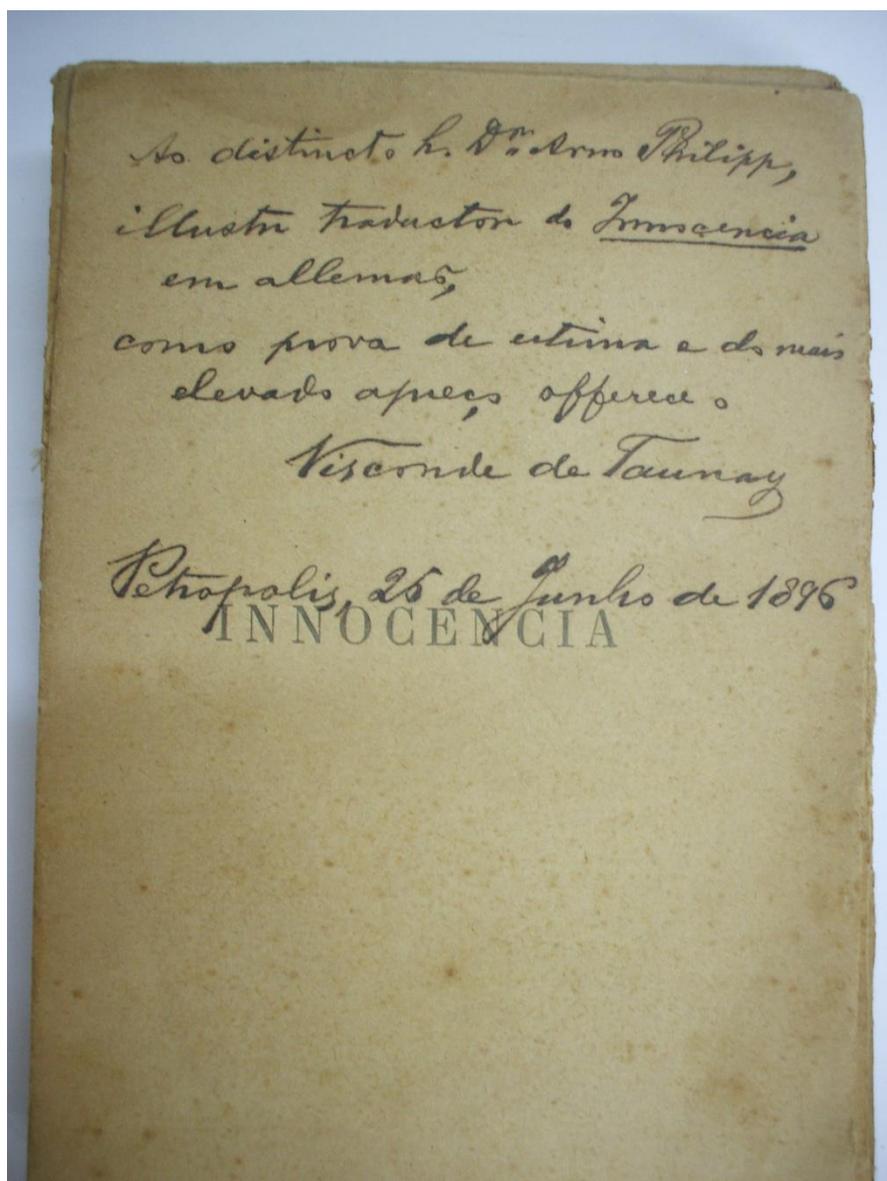


Fig. 3. Paratexto de um exemplar do romance *Inocência*, dedicado a Arno Phillip pelo Visconde de Taunay.

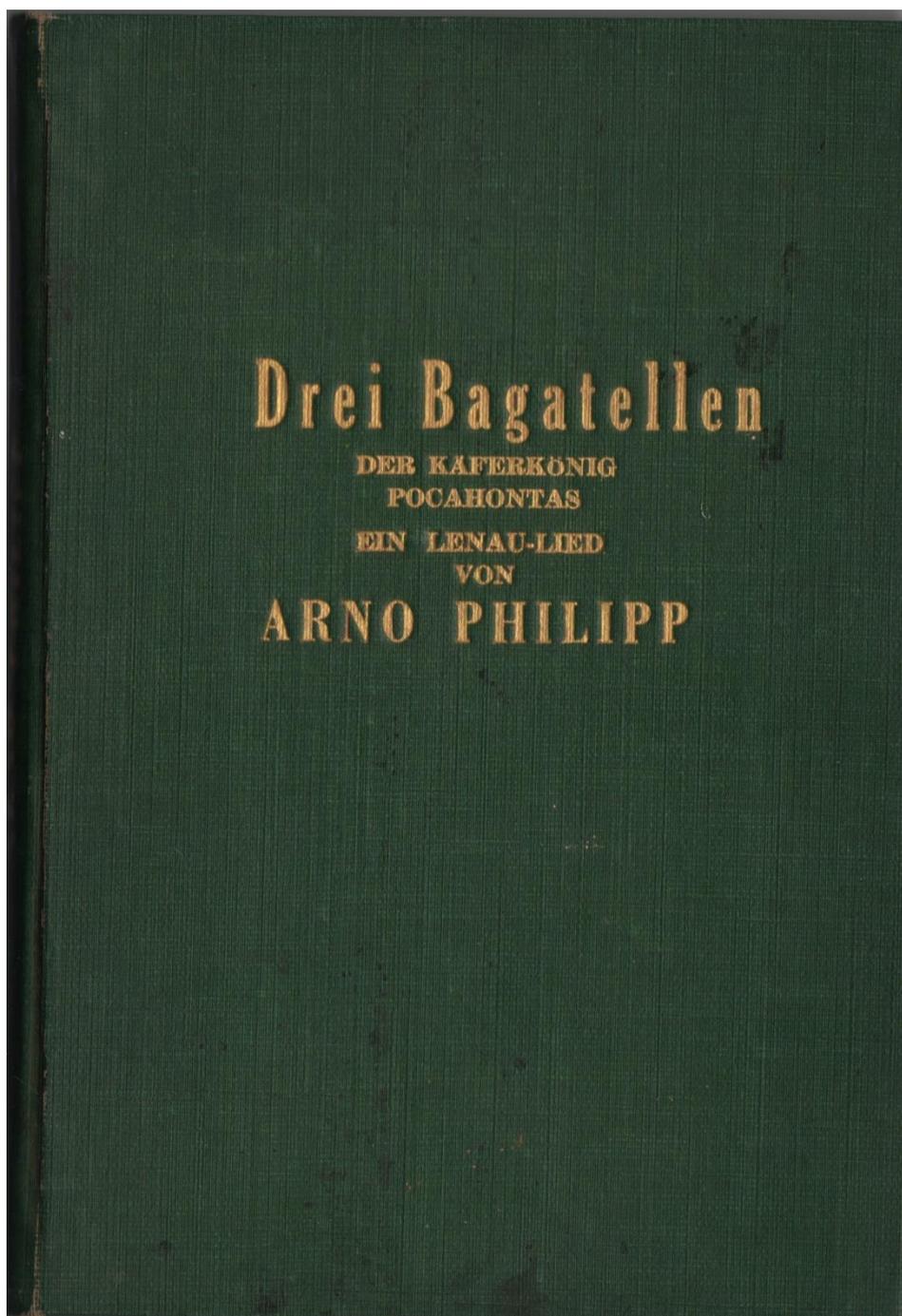


Fig. 4. Fotografia da obra literária *Drei Bagatellen*. Contém dedicatória a punho, datada de 1924.

REFERÊNCIAS

- BLOCH, Marc. *Apologia da história ou O ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BORDINI, Maria da Glória. *Manual de organização do Acervo Literário de Erico Verissimo. Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, jan. 1995.
- BORGES, Jorge Luís. Kafka e seus precursores. In: BORGES, Jorge Luis. *Obras completas*. São Paulo: Globo, 1999, p. 96-98. v. 2.
- COUTINHO, Afrânio (Org.). *A literatura no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Global, 2002. 6 v. v. III.
- _____. *A literatura no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Global, 2004. 6 v. v. I.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- _____. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- FAUSEN, Erich (Org.). *Enciclopédia Rio Grandense*. Canoas: Editora Regional, 1956. v. 2.
- FRANCHETTI, Paulo. História literária: um gênero em crise. *Semear*, Rio de Janeiro, n. 7, p. 247-264, 2002.
- GERTZ, René. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Editora da Universidade; EdUFRGS, 1991.
- GERTZ, René. *O aviador e o carroceiro: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos Anos 1920*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Trad. Maria Betania Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- _____. *Os andarilhos do bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- _____. *Indagações sobre Piero*. Trad. Luiz Carlos Cappellano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- _____. *História noturna*. Trad. Nilson Moulin Louzada. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- _____. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Relações de força: história, retórica, prova*. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa*. Trad. Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *O fio e os rastros*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007a.

_____. *Mitos, emblemas, sinais*. Trad. Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007b.

PHILIPP, Arno. *Der Käferkönig. Serra Post Kalender 1970*. Ijuí: Löw & Cia, 1970, p. 97-98. *Brasilianisches Jahrbuch* (Anuário em Língua Alemã).

_____. Uma contribuição para o estudo do episódio dos “Mucker”. In: PETRY, Leopoldo. *O episódio do Ferrabraz: os Mucker*. São Leopoldo: Rotermond, 1957, p. 157-165.

PIAIA, Miquela; MITIDIERI, André Luis. *Catálogo do Acervo Literário Arno Philipp (ALAPH)*. Frederico Westphalen (RS): EdURI, 2011. Disponível em: <<http://www.fw.uri.br/site/posgraduacao/mestrado/106/publicacoes/catalogoliterario.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2012.

RICOEUR, Paul. Arquivos, documento, rastro. Entre o tempo vivido e o tempo universal: o tempo histórico. In: RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papirus, 1997, p. 196-216. 3t. t 3.

SCHWARCZ, Lília Moritz. Abas (paratexto). In: GINZBURG, Carlo. *História noturna*. Trad. Nilson Moulin Louzada. São Paulo: Companhia das Letras, s/d.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura Brasileira*. 10. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.

SOUZA, Eneida Maria de. *Tempo de pós-crítica*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.

TAUNAY, Alfredo D'Escragnolle (Visconde de). *Questões de Imigração*. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1889.

VERISSIMO, Erico. *Breve história da literatura brasileira*. São Paulo: Globo, 1995. (Trad. por Maria da Glória Bordini das conferências realizadas pelo escritor nos Estados Unidos durante o ano de 1944).

ZILBERMAN, Regina. *A terra em que nasceste: imagens do Brasil na literatura*. Porto Alegre: Editora da Universidade; EdUFRGS, 1994.

Data de submissão: 26/03/2013

Data de aprovação: 23/05/2013